

*senhora, não mais a vi, pois recolheu ao camarote, onde passou a viagem em regime de clausura. Viajava com uma criada que, de quando em vez, subia e, a quem por ela perguntava, invariavelmente respondia: muito mal, vem passando muito mal com este mar:*

*O dia de Domingo passou bem, mas triste. De momento em momento consultava o relógio para ver o que, aí, estava fazendo por aquela hora. Assim fiquei mais distraído. Quando chegamos ao Funchal amanhecia. Parece um presépio.*

*Adeus, até Lisboa.*

*Um abraço para os tios. E aceite um ainda mais apertado do primo,*

*Marcelo”*

O silêncio assenhoreou-se do exíguo espaço povoado de retratos. Um deles era de Marcelo. Vestia sobretudo e sobre a cabeça trazia um chapéu que ela sabia ser azul-marinho pois testemunhara o momento, junto da pequena igreja de Nossa Senhora da Vitória, na lagoa das Furnas. Era uma manhã de sábado. Uma dessas manhãs que trazem sobre a superfície das águas os tons da melancolia. Como ela lembrava o sorriso luminoso do primo e o sol ardente. E por momentos o retrato pareceu um cortinado abrindo-se lentamente em movimentos delicados sobre seus olhos cor dos cedros. Estavam sentados sobre a erva e ele atirava pequenas pedras para a água que formavam círculos ondulados como cabelos. E sorria. Inocente. A rapariga, a mesma que trouxera a carta, estendera a toalha sobre o chão. A cesta de vimes com o assado estava na charrete, à sombra, e a outra, com pratos, talheres e copos, junto da velha Madalena que, zelosa, espreitava os movimentos da criada.

– Vê se te maneias, criatura, os meninos querem almoçar.

Marcelo estendia o olhar pelas cercanias perdendo-se à cata de flores enquanto a prima parecia adivinhar-lhe o pensamento.

– Porque não fazemos um jogo?

– Que jogo sugeres meu primo?

– Eu cubro seus olhos com um lenço, depois descrevo-lhe flores, e às minhas indicações vai tentando adivinhar seus nomes. Quer?

– Sim! – Disse sem hesitar e, após uma pausa, avançou – Mas além da descrição das cores e forma das pétalas, quero indicações sobre o seu perfume.

– Perfume?

– E por que não? – Acrescentando, ainda – O sentimento da sua alma perante o perfume de uma flor.

– A prima quer-me a recitar.

O céu estava como o mar e não havia nuvem nem brisa. Os verdes abundavam – criptomérias, fetos, plátanos, azáleas, conteiras, hortênsias. Um infinito silêncio maior que a luz e tranquilo como a expressão da mulher que, repentinamente, retirou o chapéu e desfez o nó que abraçava o lenço à palhinha. Então, Marcelo abeirou-se, cuidadoso e meigo, quase infantil, escondeu-lhe os olhos sob o amarelo do longo lenço que agora caía sobre as costas. Ela, num amável gesto, abriu os braços querendo enlaçar aquele inefável mundo derramando-se pelo vale. Que essências amaciam o coração? Deus continuava condescendente e generoso com aqueles rochedos fundeados nos abissais e escuros fundos do oceano. Quando arrefeceram as lavas que escorreram dos vulcões, formaram-se crateras enormes a que os habitantes davam o nome de caldeiras. Umas eram secas, abundantes de bagacinas e rara vegetação; outras, lagos de água fria, apelidados de lagoas. Isto ocorria pelo espírito de Maria Teresa quando Marcelo perguntou:

– Prima, diga que flor é esta: aparece pelo vale e pelos caminhos da ilha, e cheira ao orvalho da manhã?

Ela, sorrindo, interpela:

– Que cor tem?

– Tanto é da cor do céu como pode ser da cor das nuvens.

– Hortênsia! Só pode ser uma hortênsia.

Era uma hortênsia. Abriam-se pelos vales parecendo alvos novelos de lã, ou sendo azuis, os olhos da Terra. Ou ainda, rosa. Como toucado de menina. As folhas verdes pareciam recortadas por mão de fada. E forte o caule como a

terra que lutou contra a raiva dos vulcões.

De tão absorvidos não ouviram o chamamento para o almoço.

A cidade revigorava-se com a chegada dum vapor. Outra luz, outro contentamento. Quando a rapariga voltou a entrar na saleta, disse:

– Menina, o vapor está a entrar.

– O vapor? Pois, o vapor! – Disse por dizer.

Tão cativa estava das recordações do primo que permaneceu com o olhar nos retratos, enquanto um fio de luz entrou pelas janelas, mais o burburinho nervoso dos micaelenses que se dirigiam para os Portões da Cidade. Permanecia sobre o colo *A Brasileira de Prazins*, as mãos caídas no regaço, a carta na mesinha do café. A carta de Marcelo aprisionava-a. Mais os telegramas que enviara, ainda os que dele recebera. Nada teria sido possível se o mar fosse distante.

– Menina, venha ver como o vapor é bonito. Há tanta gente à espera. Venha.

Perante a insistência da criada, levantou-se. Atravessou o corredor, suspensa, enquanto a rapariga, num nervoso miúdo, continuava:

– Hoje é o segundo.

– Oh, Rapariga, mais parece um faroleiro.

– Troça de mim, mas se não fossem os vapores, à ilha não chegavam cartas.

– Que pensará quem te escutar!

Alcançaram o pátio e a embarcação apitou. Um fumo negro saiu das suas duas chaminés. Tão próximo estava que Amélia, assim se chamava a criada, julgou que estendendo os braços tocaria nas mãos dos passageiros debruçados no convés.

– É estrangeiro, menina?

– Sim! – Afirmou paciente, depois revelou – Americano!

– Quem pudesse desaparecer num vapor igual – E os seus olhos anunciaram-na cativa de uma viagem. Depois, perguntou – Como sabe que é americano?

– Pela bandeira que traz à ré.

– Ré? As coisas que a menina sabe.

Regressou ao sonho que trazia no peito, porém, a criada parecia roubar-lhe o gosto da divagação.

– A menina lembra-se da noite em que ficamos a mandar recados para dentro do vapor do menino Marcelo?

Maria Teresa lembrou os minutos daquela noite de Março como fita de cinema, um a um, como quando na companhia do pai, em Paris, assistiu à projecção da coroação do Rei Jorge de Inglaterra, porém, agora a heroína chamava-se Maria Teresa. Amélia segurava no candeeiro, enquanto que ela com o xaile tapava e destapava, lentamente, para não apagar a chama, o vento crescera e, se a criada o não segurasse, Marcelo nunca teria recebido as mensagens. Quando de bordo começaram a chegar aqueles sinais trémulos de luz, foi uma alegria, depois a dúvida? seriam do primo? Ou seria um tripulante? Só poderiam ser do primo, agora a carta confirmava-o.

As traseiras da casa davam para a baía e a frente para a praça das duas igrejas onde, ao centro, uma árvore secular tudo ligava. Abandonando o camarote sobre o mar, regressou à saleta de onde a praça se enxergava. Olhou a árvore sem nome, e pensou que nunca a vira despida. Recuou até à mesinha, a carta parecia esquecida. Olhou os malmequeres, os primeiros a chegar do campo, retirou um da jarra, com ele acariciou o rosto, os lábios ao de leve, depois extraiu pétala após pétala, sempre em silêncio e com o olhar, ora no sobrescrito, ora na árvore. O cortinado, levado pela aragem ácida, afastava-se em delicados movimentos deixando vislumbrar a praça e a árvore. E os ruídos outra vez. Gente para o cais, gente descobrindo a praça, vozes estranhas como o estranho amor que, desde a chegada do primo, habitava a sua alma e, partindo, a deixara como aquele malmequer esmagado que atirara pela janela. Com a mão segura apanhou o sobrescrito, rasgou-o. De seguida, correu às traseiras e deixou o vento levar mil sonhos, mil pedaços de papel. Pareciam pétalas de malmequer movidas pelo vento.

Entrou no quarto de onde o mar se alcançava, e escreveu:

*"Ponta Delgada, 2 de Abril de 1911*

*Primo:*

*A sua carta chegou há pouco. Todos nos alegramos em saber de si. Quando esta estiver em suas mãos, terá regressado para os seus, ao seu Rio de Janeiro. Poderia aguardar mais uns dias para escrever-lhe, ainda andará em viagem, porém, apresso-me, porque um lamentável equívoco se instalou entre nós, ou melhor, em si. Na verdade achei divertida a sua carta e apaixonante a história dos telegramas, no entanto confesso: não fui eu a remetê-los para bordo, mas sim Amélia, a criada. E mais divertido ainda porque, na manhã seguinte à sua partida, veio acordar-me radiante, dizendo que o seu Alfredo, um tripulante do "S. Miguel" que conhecera na praça das duas igrejas, lhe respondera aos sinais de luz.*

*Há pouco chegou outro vapor, onde virá o Luís. Creio ter-lhe falado, estuda medicina em Coimbra e vem passar uns dias às Furnas. Está muito doente o infeliz. Os versos – cheguei a ler-lhe alguns dos seus sonetos – deixaram-no esquecido do mundo.*

*Recomendações para os tios.*

*Um abraço da prima,*

*Maria Teresa"*

Dobrou o papel em duas partes, meteu-o no envelope, escreveu o nome, morada do destinatário. Os lábios colaram demoradamente o sobrescrito. Depois, abeirou-se do pátio das traseiras e deixou-a, tal como fizera à dele, ser levada pelo vento, mas não em mil pedaços, e recolheu-se em lágrimas junto aos malmequeres. Os parentes dos retratos só tinham olhos para ela, desfeita, arrependida. Gritou por Amélia quase em delírio, porém, demorava. Correu em sua procura não atinando com as portas. A criada pasmara com o movimento do ancoradouro, as cores do navio americano, imaginando a sua viagem, vendo-se no cais deixando a ilha, os achaques repentistas da patroa, os tostões contados, a pequenez da terra, esse aperto onde habitava apartada do mundo, sem saber o que sonhar. E com um grito acordou.

- Vai, criatura, depressa.
- Onde, menina, onde?
- Vê se encontras a carta que entreguei ao vento.
- A que recebeu do menino?
- Não, infeliz, a que acabo de lhe escrever.
- Como a encontrar? – Pergunta, pasmada.
- Não sei. Pelo nome dele, sim, pelo nome dele.

Amélia não correu, voou. Desceu as escadas como novelo ou como borboleta, avançou por entre a multidão com os olhos presos na calçada, depois nas mãos deste ou daquela. Corria, abrandava, olhava para trás, voltava a progredir entre o vai e vem das saias roçando sensualmente o chão, voltando a procurar na distância o vulto de Maria Teresa na varanda do pátio. Nada. Em casa, desfeita, arrependida, vagueando entre a janela da saleta e o pátio como se aguardasse, não a criada, mas alguém batendo à porta com a carta, pensa: como, se nem o remetente escrevi?

Bateram à porta, acudiu.

– Como estás, Maria Teresa? – Era um rosto alvo de olhos mais claros que os dela, cabelos soltos e loiros e finos.

Gelaram as mãos, dançaram as pernas como canas da beira-mar, a voz perdida. Segurou-se à porta até reencontrar a voz e, por fim, exclamou:

– Julgava-te em Coimbra!

– E por isso não me convidas a entrar?

– Desculpa, não esperava – não sabia disfarçar, tudo naquele instante a traiu, mas por fim balbuciou – Que bom te rever!

Os cortinados da janela foram afastados para a luz avivar o seu rosto e os malmequeres, porém, as palavras não diziam dessa claridade que, da praça das duas igrejas, invadia o espaço e devolvia vida aos parentes dos retratos. Só a ela parecia não iluminar e, quando viu Amélia à porta, de braços caídos, arfando o peito enfezado, se voltou para a

árvore da praça, e disse:

– Hoje pareces mais verde, mais senhora.

Luís olhou a criada, esta buscou uma expressão acanhada, um tanto aparvalhada, nada dizendo, pois nada entendia.

– Que fazes aí espedada à porta, alguém te chamou?

Não alcançando as palavras, a criada apenas soube soletrar:

– Verde?

– Não, não quero verde, antes preto, um chá preto!

O silêncio regressou e passaram a ser audíveis as gargalhadas dos parentes mortos, os queixumes dos malmequeres e, cortante como o gelo, o apito do navio afastando-se, provocando de imediato um olhar longo para o retrato do primo e, à pergunta "teria apanhado a carta?", nenhum dos parentes respondeu. Não sabendo mais esperar, desculpou-se com a demora da criada e foi à cozinha, de lá seguiu até ao pátio onde a rapariga espionava o quintal do vizinho, confrontando-se com o que temia.

– Nem sinais do envelope.

– Não pode ser. Mas que fazes em cima desse muro?

– Talvez o vento a tivesse plantado no jardim do lado.

Voltou ao poeta doente, porém, o pálido rosto denunciava o seu desassossego, levando a que Luís questionasse:

– Não se sente bem?

– Cansada, toda a manhã foi uma correria.

– Não deveria ter vindo sem avisar, prometo que virei mais tarde – disse, levantando-se.

– E o chá? – Perguntou Maria Teresa à falta de outras palavras.

– Amanhã, porventura – disse e, sem se despedir, afastou-se.

Não houve outro chá porque nessa mesma tarde seguiu para as Furnas de onde não voltou a sair, passando os dias escrevendo para se esquecer das vielas de Coimbra, dos humores imprevisíveis dos mestres, da valentia dos colegas, dos sonetos desconsolados esquecidos sobre o tampo da escrivãzinha na "república" aonde não pretendia regressar. Por isso escrevia. Queria reescrever todos os sonetos, horas a fio, nada comendo e nada dormindo, a doença encurralando-o nas quatro paredes que o apartavam do mundo, não padecendo do corpo mas do espírito. Isolou-se de tudo e todos, da própria luz do dia que aparecia e desaparecia sem que notasse a noite avançando, uma silenciosa e impiedosa e infundável noite dos mortos. Nasciam os dias mas não para ele que só enxergava os versos aperfeiçoando a métrica até encontrar a música capaz de comover a sua alma e, quando pelo terceiro dia de solidão, soaram pela casa as três pesadas badaladas da tarde, despiu-se e deitou-se sobre o chão de madeira encerado, nu, olhos no tecto, adormecido.

A notícia chegou à casa da praça das duas igrejas pelo início da noite, sem meias palavras: Luís fora encontrado sem vida sobre o soalho da sala grande, pelos avós, às cinco da tarde. A sua mão esquerda segurava um crucifixo deitado sobre o peito, a direita um velho revólver e, a seu lado sobre o chão, uma bíblia aberta na epístola de São Lucas relatando a morte de Cristo:

*"Por volta da hora sexta, as trevas cobriram toda a terra, até à hora nona, por o Sol se haver eclipsado. O véu do Templo rasgou-se ao meio, e Jesus exclamou, dando um grande grito: "Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito". Dito isto, expirou".*

Na manhã seguinte, a caminho das Furnas, mergulhada em dolorosa e profunda mudez, ao passar nas margens da lagoa, Maria Teresa olhou as flores sem as ver, seguiu o voo das aves sem dar conta do rumo que tomavam, atendeu no rumor das folhas das árvores sem ouvir, só escutou, vinda das águas, uma voz envolta em murmúrios que descrevia na sensibilidade própria das palavras medidas – hortênsias, margaridas, azáleas, malmequeres. Uma segunda voz se misturou, menos nítida, porém, familiar, recitando versos que ela conhecia. E pela primeira vez sentiu medo e achou-se só.

As razões da carta para o primo negando a autoria dos sinais enviados para bordo do vapor S. Miguel, perseguiam-na; o estranho suicídio do poeta que todos consideravam seu noivo, manchava o entusiasmo da estação;

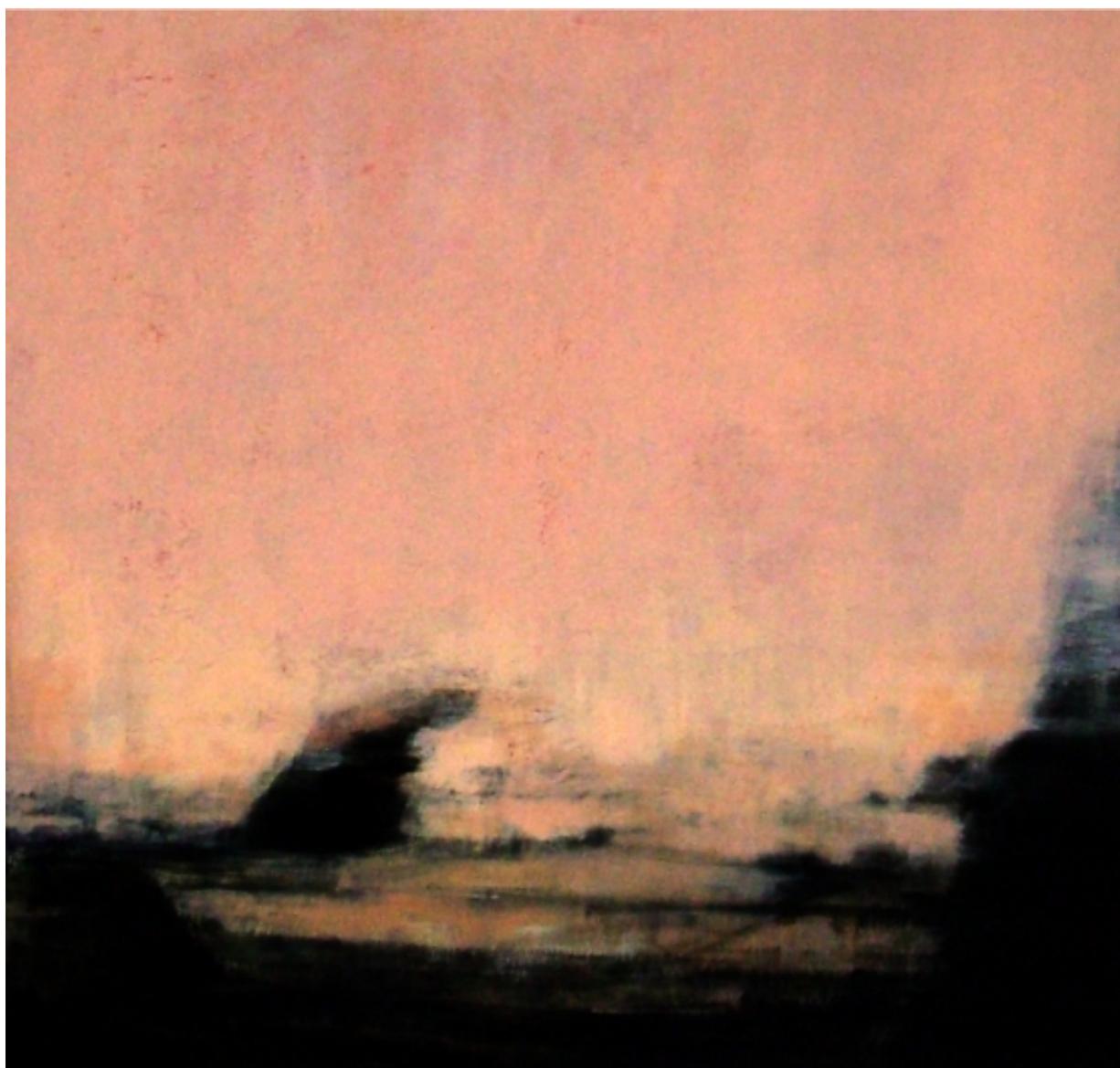
ainda a partida de Amélia, sua cúmplice, que assustada com o cerco da ilha decidira partir no primeiro vapor que demandou a baía. Por tudo isto, também ela seguiria para o ancoradouro com o propósito de não regressar nunca mais às Furnas nem ao pátio de onde se enxergava o mar e sonhava o mundo.

Assim falou aos pais e assim fez.

Quando na véspera de partir para Lisboa, primeira escala de uma longa viagem que a levaria por uma Europa entristecida, onde se adivinhava o cenário em que mergulharia por vários anos, voltando a casa do lançamento do livro *Infinito Tempo* – versos do poeta morto por volta da hora sexta –, uma carta a esperava na mesinha da saleta. O primo Marcelo acusava a recepção da missiva sem remetente e lamentava o equívoco dos telegramas, mas alegrava-se por Amélia.

A praça das duas igrejas andava mais deserta e estranhamente inexpressiva a velha árvore. Retirou da jarra um malmequer, e em silêncio desfolhou-o sob uma luz crepuscular que deixava moribundo o calendário.

**IVO MACHADO**



JOE LIMA  
S/t (pormenor) – técnica mista sobre tela